

Índice

<i>Ponto preliminar.</i> Lógica e dialética	11
<i>Um.</i> A extensão (Lei de Dana)	27
<i>Dois.</i> A homonímia	30
<i>Três.</i> Generalizar as declarações específicas do seu adversário	33
<i>Quatro.</i> Esconder o jogo	35
<i>Cinco.</i> Proposições falsas	36
<i>Seis.</i> Postular o que deve ser provado	37
<i>Sete.</i> Obter admissões através de perguntas	38
<i>Oito.</i> Irritar o adversário	39
<i>Nove.</i> Fazer perguntas por outra ordem	40
<i>Dez.</i> Aproveitar a negação	41
<i>Onze.</i> Generalizar as admissões de casos específicos	42
<i>Doze.</i> Escolher metáforas favoráveis à sua proposta	43
<i>Treze.</i> Concordar em rejeitar a contraproposta	45
<i>Catorze.</i> Reivindicar vitória apesar da derrota	46
<i>Quinze.</i> Usar proposições aparentemente absurdas	47
<i>Dezasseis.</i> Argumentos <i>ad hominem</i>	48
<i>Dezassete.</i> Defesa por meio de uma distinção sutil	50
<i>Dezoito.</i> Interromper e desviar a disputa	51

<i>Dezanove.</i> Generalizar a questão e argumentar contra ela	52
<i>Vinte.</i> Tirar as suas próprias conclusões	53
<i>Vinte e um.</i> Responder com um contra-argumento tão mau como o do adversário	54
<i>Vinte e dois.</i> <i>Petitio Principii</i>	55
<i>Vinte e três.</i> Fazer o adversário exagerar a sua declaração	56
<i>Vinte e quatro.</i> Apresentar um falso silogismo	57
<i>Vinte e cinco.</i> Encontrar uma instância em contrário	58
<i>Vinte e seis.</i> Virar a situação	60
<i>Vinte e sete.</i> A raiva indica um ponto fraco	61
<i>Vinte e oito.</i> Persuadir o público, não o adversário	62
<i>Vinte e nove.</i> Diversão	64
<i>Trinta.</i> Apelar à autoridade em vez de se justificar	66
<i>Trinta e um.</i> Isso está acima de mim	72
<i>Trinta e dois.</i> Colocar a sua tese em alguma categoria odiosa	74
<i>Trinta e três.</i> Aplicar-se na teoria, mas não na prática	75
<i>Trinta e quatro.</i> Não o deixar escapar	76
<i>Trinta e cinco.</i> A vontade é mais eficaz do que a percepção	77
<i>Trinta e seis.</i> Confundir o seu adversário com uma linguagem bombástica	79
<i>Trinta e sete.</i> Uma prova defeituosa refuta toda a posição	80
<i>Trinta e oito.</i> Tornar o ataque pessoal, ser insultuoso ou rude (<i>Argumentum Ad Personam</i>)	81

Ponto preliminar

Lógica e dialética

Os antigos usavam a Lógica e a Dialética como termos sinónimos, embora (Grego: *logizesthai*), «pensar sobre, considerar, calcular», e (Grego: *dialegesthai*), «conversar», sejam duas coisas muito diferentes.

O nome Dialética, conforme nos informa Diógenes Laércio, foi usado pela primeira vez por Platão. E em *Fedro*, *Sofista*, *República* (livro VII), e noutros descobrimos que por Dialética ele quer dizer o emprego regular da razão e a habilidade na prática da mesma. Aristóteles também usa a palavra neste sentido, mas, de acordo com Lorenzo Valla, foi o primeiro a usar também Lógica de maneira semelhante.¹ Dialética, portanto, parece ser uma palavra mais antiga do que Lógica. Cícero e Quintiliano usam as palavras com o mesmo significado geral.²

¹ Ele fala de (Grego: *dyscherelai logikai*), ou seja, «pontos difíceis» (Grego: *protasis logicae aporia logicae*).

² Cícero in *Lucullo*: *Dialecticam inventam esse, veri et falsi quasi disceptatricem*. Aristóteles, *Topica*, capítulo 2: *Stoici enim iudicandi vias diligenter persecuti sunt, ea scientia, quam Dialecticem appellant*. Quintiliano, livro II, capítulo 12: *Itaque haec pars dialecticae, sive illam disputatricem dicere malimus*; e com ele esta última palavra parece ser o equivalente em latim para Dialética. (Até agora, de acordo com «Petri Rami dialectica, Audomari Talaei praelectionibus illustrata», 1569.)

Este uso de palavras e termos sinónimos manteve-se durante toda a Idade Média até aos tempos modernos – até à atualidade, na verdade. Contudo, mais recentemente, e em particular por Kant, a Dialética tem sido frequentemente empregada num mau sentido, como significando «a arte da controvérsia sofística» e, portanto, a Lógica tem sido preferida como sendo a designação mais inocente das duas. No entanto, ambas significavam originalmente a mesma coisa e nos últimos anos foram novamente reconhecidas como sinónimos.

É uma pena que as palavras tenham sido usadas assim desde a Antiguidade e que eu não tenha plena liberdade para distinguir os seus significados. Caso contrário, teria preferido definir a *Lógica* (do Grego: *logos*, «palavra» e «razão», as quais são inseparáveis) como «a ciência das leis do pensamento, isto é, do método da razão»; e a *Dialética* (do Grego: *dialegesthai*, «conversar» – e toda a conversa comunica factos ou opiniões, ou seja, é histórica ou deliberativa) como «a arte da disputa», no sentido moderno da palavra. É claro, então, que a Lógica trata de um assunto de carácter puramente *a priori*, separável da experiência por definição, ou seja, separada das leis do pensamento, do processo da razão (do Grego: *logos*), das leis que a razão segue quando é deixada entregue a si mesma e não impedida, como no caso do pensamento solitário por parte de um ser racional que não está de forma alguma a ser enganado. A Dialética, por outro lado, trataria da relação entre dois seres racionais que,

por serem racionais, devem pensar de modo comum, mas que assim que deixam de coincidir como dois relógios que marcam exatamente o mesmo tempo criam uma disputa ou competição intelectual. Considerados como seres puramente racionais, os indivíduos estariam necessariamente de acordo e a sua variação decorreria da diferença essencial à individualidade; por outras palavras, seria extraída da experiência.

Portanto, a Lógica como ciência do pensamento, ou ciência do processo da razão pura, deve poder ser construída *a priori*. A Dialética, na sua maior parte, só pode ser construída *a posteriori*, isto é, podemos aprender as suas regras através de um conhecimento experimental da perturbação que o pensamento puro sofre por meio da diferença da individualidade, manifestada na relação entre dois seres racionais, e também pelo conhecimento dos meios que os disputantes adotam para sobrepujarem o seu próprio pensamento individual uns aos outros e para mostrarem que aquele é puro e objetivo. Pois a natureza humana é tal que se A. e B. estão empenhados em pensar de modo comum e estão a comunicar as suas opiniões um ao outro sobre qualquer assunto, desde que não seja um mero facto histórico, e A. percebe que os pensamentos de B. sobre o mesmo assunto não são iguais aos seus, ele não começa por rever o seu próprio processo de pensamento a fim de descobrir qualquer erro que possa ter cometido, assumindo, em vez disso, que o erro ocorreu com B. Por outras palavras, as pessoas

são naturalmente obstinadas e essa qualidade é acompanhada por certos resultados tratados no ramo do conhecimento ao qual gostaria de chamar de Dialética, mas que, para evitar mal-entendidos, chamarei Dialética Controversa ou Erística. Trata-se do ramo do conhecimento que trata da obstinação natural do homem e Erística é apenas um nome mais severo para a mesma coisa.

A Dialética Controversa é a arte de disputar e de o fazermos de modo a mantermos o nosso ponto de vista, independentemente de estarmos certos ou errados – *per fas et nefas*.¹ Uma pessoa pode estar objetivamente certa e, no entanto, aos olhos dos espectadores e, até por vezes, aos seus próprios, pode sair-se pior. Por

¹ De acordo com Diógenes Laércio, v., 28, Aristóteles junta a Retórica e a Dialética como visando a persuasão, (Grego: *to pithanon*), e a Analítica e a Filosofia como visando a verdade. Aristóteles distingue, de facto, entre (1) a *Lógica*, ou Analítica, como a teoria ou o método de chegar a conclusões verdadeiras ou apodíticas; e (2) a *Dialética* como o método de chegar a conclusões que são aceites ou que passam por verdadeiras, (Grego: *endoxa*) *probabilia*. Estas conclusões não se presumem falsas nem verdadeiras em si mesmas, uma vez que não é esse o ponto. O que é isto senão a arte de estarmos certos, tenhamos ou não razão para tal, ou seja, a arte de se chegar à aparência da verdade, independentemente da sua substância? Isto é, então, o que descrevi acima.

Aristóteles divide, da maneira descrita, todas as conclusões em lógicas e dialéticas e depois em erísticas. (3) A *Erística* é o método pelo qual a forma da conclusão é correta, mas as premissas – os materiais dos quais ela é extraída – não são verdadeiras, apenas parecem ser verdadeiras. Finalmente, (4) a *Sofística* é o método pelo qual a forma da conclusão é falsa, embora pareça correta. Estas três últimas pertencem à arte da Dialética Controversa, visto que não têm nenhuma verdade objetiva em vista, mas apenas a aparência da mesma, e não dão importância à verdade em si mesma. Por outras palavras, almejam a vitória. O livro de Aristóteles sobre *Conclusões Sofísticas* foi editado separadamente dos outros e numa data posterior. Foi o último livro da sua *Dialética*.

exemplo, posso apresentar uma prova de alguma afirmação, o meu adversário pode refutá-la e, assim, parece ter refutado a afirmação para a qual, no entanto, pode haver outras provas. Neste caso, é claro, o meu adversário e eu trocamos de lugar – ele sai-se melhor, embora, na verdade, esteja errado.

Se o leitor perguntar como é que isto acontece, respondo que é simplesmente a vileza natural da natureza humana. Se a natureza humana não fosse vil, mas inteiramente honrada, não deveríamos, em nenhum debate, ter outro objetivo que não a descoberta da verdade; não nos deveríamos preocupar se a verdade provou ser a favor da opinião que começámos por exprimir, ou a favor da opinião do nosso adversário. Isso deveria ser considerado uma questão sem importância ou, pelo menos, de consequência muito secundária, mas, tal como as coisas são, é a preocupação principal. A nossa vaidade inata, que é particularmente sensível no que se refere às nossas faculdades intelectuais, não permitirá que admitamos que a nossa posição inicial estava errada e que o nosso adversário estava correto. A saída para esta dificuldade seria, simplesmente, darmos-nos ao trabalho de formar sempre um julgamento correto e, para tal, uma pessoa teria de pensar antes de falar. Contudo, para a maioria das pessoas, a vaidade inata é acompanhada por uma loquacidade e uma desonestidade inatas. Falamos antes de pensar e mesmo que possamos depois perceber que estamos errados e que o que afirmamos é falso, queremos que pareça o contrário. O interesse pela

verdade, que se pode presumir ter sido o nosso único motivo quando declaramos a proposição alegadamente verdadeira, dá agora lugar aos interesses da vaidade e, assim, por uma questão de vaidade, o que é verdadeiro deve parecer falso e o que é falso deve parecer verdadeiro.

No entanto, esta mesma desonestidade, esta persistência numa proposição que parece falsa até para nós mesmos, tem algumas vantagens. Acontece muitas vezes que começamos com a convicção firme da verdade da nossa afirmação, mas o argumento do nosso adversário parece refutá-la. Se abandonarmos imediatamente a nossa posição, podemos descobrir mais tarde que estávamos certos, afinal. A prova que oferecemos era falsa, mas mesmo assim havia uma prova para a nossa afirmação que era verdadeira. O argumento que teria sido a nossa salvação não nos ocorreu naquele momento. Consequentemente, tomamos como regra atacar um contra-argumento, ainda que pareça ser completamente verdadeiro e convincente, na crença de que a sua verdade é apenas superficial e que no decorrer da disputa outro argumento nos ocorrerá com o qual poderemos perturbá-lo ou ter sucesso a confirmar a veracidade da nossa afirmação. Desta forma, somos quase obrigados a tornar-nos desonestos ou, pelo menos, a tentação de o fazermos é muito grande. É assim que a fraqueza do nosso intelecto e a perversidade da nossa vontade se apoiam mutuamente e, portanto, em geral, um disputante luta não pela verdade, mas sim pela sua proposição,

como se fosse uma batalha *pro aris et focis*. Ele começa a trabalhar *per fas et nefas* e, como vimos, não consegue facilmente agir de outra forma. Em regra, então, qualquer pessoa insistirá em manter tudo o que disse, mesmo que no momento o possa considerar falso ou duvidoso.¹

Até certo ponto, estamos todos armados contra tal procedimento pela nossa própria astúcia e vilania. Aprendemos através da experiência diária e, assim, criamos a nossa própria *Dialética natural*, tal como temos a nossa própria *Lógica natural*. No entanto, a nossa dialética não é um guia tão seguro como a nossa lógica. Não é assim tão fácil para alguém pensar ou fazer uma inferência contrária às leis da Lógica; julgamentos falsos são frequentes, mas conclusões falsas são muito raras. Uma pessoa não pode facilmente ser deficiente na Lógica natural, mas pode muito facilmente ser deficiente na Dialética natural, a qual é um dom distribuído em medidas desiguais. Até onde

¹ Maquiavel recomenda ao seu Príncipe para aproveitar cada momento em que o seu vizinho estiver fraco para o atacar, caso contrário, o seu vizinho poderá fazer o mesmo. Se a honra e a fidelidade prevalescessem no mundo seria um assunto diferente, mas como estas não são qualidades que se devam esperar, uma pessoa não as deve praticar porque terá um mau resultado. Acontece exatamente a mesma coisa numa disputa. Se eu admitir que o meu adversário está certo assim que parecer estar, é pouco provável que ele faça o mesmo quando a posição for invertida e como ele age incorretamente eu sou compelido a agir incorretamente também. É fácil dizer que devemos ceder perante a verdade, sem qualquer preferência a favor das nossas próprias afirmações, mas não podemos presumir que o nosso adversário o fará e, portanto, também não o podemos fazer. Se eu abandonasse a posição sobre a qual muito tinha pensado anteriormente assim que parecesse que ele estava certo, poderia facilmente suceder eu poder estar a ser iludido por uma impressão momentânea e desistir da verdade a fim de aceitar um erro.

podemos ver, a Dialética natural assemelha-se à faculdade do julgamento, a qual difere em grau para cada pessoa, enquanto a razão, estritamente falando, é igual. Acontece frequentemente que num assunto em que esteja realmente certo, uma pessoa é confundida ou refutada por argumentos meramente superficiais e se sai vitoriosa de uma disputa deve-o muitas vezes não tanto à correção do seu julgamento ao declarar a sua proposição, mas sim à astúcia e argumentação com que a defendeu.

Aqui, como em todos os outros casos, os melhores dons nascem com uma pessoa. No entanto, muito pode ser feito para nos tornarmos mestres nesta arte pela prática e também pela consideração das táticas que podem ser usadas para derrotar um adversário, ou as que ele mesmo usa para um propósito semelhante. Portanto, embora a Lógica possa não ter um uso prático muito real, a Dialética pode certamente tê-lo e Aristóteles também me parece ter elaborado a sua Lógica propriamente dita, ou Analítica, como fundamento e preparação para a sua Dialética e ter feito disso o seu foco principal. A Lógica está preocupada com a mera forma das proposições; a Dialética, com os seus conteúdos ou matéria – numa palavra, com a sua substância. Seria apropriado, portanto, considerar a forma geral de todas as proposições antes de prosseguirmos para as particulares.

Aristóteles não define o objeto da Dialética exatamente como o fiz aqui, pois embora permita que o seu objeto principal seja a disputa, declara, ao mesmo

tempo, que é também a descoberta da verdade.¹ Ele diz novamente, mais tarde, que se do ponto de vista filosófico as proposições são tratadas de acordo com a sua veracidade, a Dialética considera-as de acordo com a sua plausibilidade ou a medida pela qual ganharão a aprovação e o consentimento de terceiros.² Aristóteles está ciente de que a verdade objetiva de uma proposição deve ser distinguida e separada do modo como é enfatizada e a sua aprovação conquistada, mas falha em traçar uma distinção suficientemente nítida entre esses dois aspetos da questão de modo a reservar a Dialética apenas para o último.³ As regras que

¹ *Topica*, livro I, capítulo 2.

² *Ibidem*, capítulo 12.

³ Por outro lado, no seu livro *De Sophisticis Elenchis*, ele preocupa-se demasiado em separar a *Dialética* da *Sofística* e da *Erística*. Diz que a distinção consiste no seguinte: as conclusões dialéticas são verdadeiras na sua forma e nos seus conteúdos, enquanto as conclusões sofísticas e erísticas são falsas.

A Erística difere da Sofística no sentido em que, enquanto o mestre da Erística almeja a mera vitória, o Sofista procura a reputação e, com ela, as recompensas monetárias que ganhará. Mas se uma proposição é verdadeira em termos do seu conteúdo isso é uma questão demasiado incerta para formar o fundamento da distinção em questão. Esta é também uma questão sobre a qual o disputante será o último a poder chegar a uma certeza, não sendo esta igualmente revelada de nenhuma forma muito segura, nem sequer pelo resultado da disputa. Portanto, quando Aristóteles fala de *Dialética*, devemos incluir nela a Sofística, a Erística e a Peirática, e defini-la como «a arte de tirar o melhor proveito numa disputa», na qual, inquestionavelmente, o plano mais seguro é estar certo logo de início, embora, por si só, isto não seja suficiente perante a disposição existente na humanidade e, por outro lado, com a fraqueza do intelecto humano, não é de modo nenhum necessário. São exigidos outros expedientes, os quais, apenas porque são desnecessários para a obtenção da verdade objetiva, também podem ser usados quando uma pessoa está objetivamente errada, e se este é ou não o caso dificilmente é uma questão de absoluta certeza.

Sou de opinião, portanto, que deve ser traçada uma distinção mais nítida entre a Dialética e a Lógica do que a que Aristóteles nos deu. À Lógica devemos atribuir

frequentemente dá para a Dialética contêm algumas que pertencem mais adequadamente à Lógica e, portanto, parece-me que não forneceu uma solução clara para o problema.

Devemos sempre manter o assunto de um ramo do conhecimento bem distinto do de qualquer outro. Para formarmos uma ideia clara do domínio da Dialética, não devemos prestar nenhuma atenção à verdade objetiva, a qual é um assunto da Lógica. Devemos considerá-la simplesmente como *a arte de tirar o melhor proveito de uma disputa*, o que, como vimos, é tanto mais fácil se estivermos realmente certos. Em si mesma, a Dialética nada tem a fazer senão mostrar como uma pessoa se pode defender contra ataques de todo o tipo – especialmente contra-ataques desonestos – e, da mesma forma, como podemos atacar a declaração de outrem sem nos contradizermos ou sermos, em geral, derrotados. A descoberta da verdade objetiva deve ser separada da

a verdade objetiva, na medida em que é meramente formal, devendo a Dialética ser confinada à arte de fazer vencer o nosso ponto de vista. Inversamente, a Sofística e a Eristica não devem ser distinguidas da Dialética à maneira de Aristóteles, uma vez que a diferença que ele extrai repousa na verdade objetiva e material, não sendo possível obter em relação ao que isso é nenhuma certeza clara antes da discussão. No entanto, somos compelidos a perguntar, como Pilatos, *O que é a verdade?* Pois a verdade está nas profundezas, (Grego: *en butho hae balaetheia*) (um ditado de Demócrito, *Diógenes Laércio*, IX, 72). Duas pessoas envolvem-se frequentemente numa disputa calorosa e, em seguida, regressam às suas casas, cada um com a opinião do outro, a qual trocaram pela sua. É fácil dizer que não devíamos ter em qualquer disputa nenhum outro objetivo senão o avanço da verdade, mas antes da disputa ninguém sabe onde esta está e através dos argumentos do nosso adversário e dos nossos próprios uma pessoa é enganada.

arte de conquistar aceitação para proposições, pois a verdade objetiva é um assunto totalmente diferente; tem que ver com o julgamento correto, a reflexão e a experiência, para os quais não há nenhuma arte especial.

Este é, então, o objetivo da Dialética. Esta foi definida como a Lógica da aparência, mas a definição é errada, pois, nesse caso, só poderia ser usada para repelir proposições falsas. Contudo, mesmo quando alguém tem a razão do seu lado precisa da Dialética para a defender e manter. Tem de saber quais são os truques desonestos a fim de os enfrentar e deve fazer, ele mesmo, uso frequente deles para derrotar o inimigo com as suas próprias armas.

Consequentemente, numa disputa dialética, devemos colocar a verdade objetiva de lado, ou melhor, devemos considerá-la como uma circunstância acidental e olhar apenas para a defesa da nossa própria posição e a refutação das ideias do nosso adversário.

Ao seguirmos as regras para este fim, não deve ser prestado nenhum respeito à verdade objetiva, porque geralmente não sabemos onde esta se encontra. Como já disse, muitas vezes a própria pessoa não sabe se está certa ou não, acreditando frequentemente nisso e enganando-se – ambos os lados acreditam frequentemente nisso. A verdade está nas profundezas. No início de uma disputa, cada pessoa acredita, em regra, que a razão está do seu lado. Contudo, no decorrer da mesma, ambos tornam-se duvidosos e a verdade não é determinada nem confirmada até ao final.